

EDITORIAL

É com entusiasmo que apresento o último volume do ano de 2021 da *Revista Brasileira de Sexualidade Humana* (RBSH), cujo espaço se constitui num diálogo profícuo e de aprofundamento de variadas matizes do conhecimento na área das sexualidades, procurando aglutinar estudos e investigações com um olhar transdisciplinar.

Enquanto se alinhavava a edição deste número da revista, houve uma mobilização de setores da sociedade civil, de movimentos feministas e de direitos humanos das mulheres em favor da execução do Programa de Proteção e Promoção da Saúde Menstrual aprovado na Câmara dos Deputados e Senado Federal devido ao veto da Presidência do Brasil, no que se refere à distribuição gratuita de absorventes higiênicos para estudantes de escolas públicas, para mulheres em situação de rua, ou em situação de vulnerabilidade social extrema e presidiárias. Falar em dignidade menstrual é falar de dignidade humana. A pobreza menstrual afeta muitas meninas que necessitam de produtos de higiene menstrual limpos e seguros, assim como liberdade para gestionar seus ciclos, sem vergonha ou estigmas.

Lembro-me bem de quando atuava no ensino fundamental de uma escola pública, chegarem a mim muitas meninas para perguntar baixinho, quase que escondido, se eu tinha um absorvente na bolsa. Isso não é apenas uma questão de saúde, mas uma questão socioeducacional e racial, pois muitas delas eram “obrigadas” a deixar a aula por conta da ausência de absorventes na escola que as tirassem de uma situação constrangedora e recheada de tabus.

O silenciamento a respeito da menstruação é notável na escola e outros espaços, além de ser um período desafiador para as meninas, mulheres, homens trans e pessoas não binárias, cercado de dores, incômodos físicos e instabilidade emocional (FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS; UNICEF, 2021). Penso que as estruturas patriarcais operam diretamente ao longo da vida dessas populações, transformando processos normais do corpo humano feminino, em tabus e preconceitos.

Nesse sentido, a Revista fecha a edição anual rompendo o silêncio e atravessando fronteiras com um conjunto de artigos publicados que inclui diferentes abordagens teóricas e metodológicas que percorrem uma diversificada gama de assuntos que se tornou tema de interesse para os pesquisadores e pesquisadoras, no que se refere mais especificamente à promoção da qualidade da vida sexual e afetiva de mulheres adultas, jovens ou idosas.

A seção Artigos deste número, apresenta dois textos que se aproximam com foco na fisioterapia. O primeiro, “A fisioterapia pélvica na qualidade da vida sexual/afetiva feminina” trata-se de uma pesquisa sobre a percepção de mulheres sobre a qualidade da função sexual/afetiva após o tratamento de fisioterapia pélvica para a disfunção sexual e o segundo, “Autoimagem genital negativa como preditora de distúrbios sexuais em mulheres: possibilidades fisioterapêuticas”, oferece uma revisão integrativa de como a Autoimagem Genital Negativa (AIGN) pode ocasionar alterações da função e satisfação sexual de mulheres.

Com foco na educação em sexualidade, o artigo “Diálogo sobre sexualidade na comunicação entre pais e filhos adolescentes”, busca demonstrar que as dificuldades dos pais ligadas à sexualidade transcendem os tradicionais temas da gravidez e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).

A partir da análise do Quociente Sexual Feminino de 110 idosas matriculadas nos cursos de línguas da Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI), o texto “Fatores associados à função sexual de mulheres idosas” problematiza a função sexual das idosas, em que quase 50% das investigadas declararam ter a função sexual de nula a ruim, o que reitera o senso comum de que mulheres em idade avançada não podem vivenciar sua sexualidade em plenitude, pelos mais variados fatores. Há estudos que apontam a diminuição da atividade sexual (AMARAL et al., 2010) em razão das limitações fisiológicas, entretanto, demonstram também que nessa fase a sexualidade ultrapassa a ideia de ato sexual, é uma descoberta da amorosidade, do carinho, do toque, do calor das relações entre pessoas. Como nos diz Fagundes (1995), esta idade não é sinônimo de chinelos, pijama e de assexualidade.

A “Análise biopsicossocial sobre a síndrome de insensibilidade androgênica: um estudo de caso” faz uma apreciação teórica sobre a Síndrome de Morris e destaca que, as evoluções biológicas e sociais quando trabalhadas de forma gradual a partir de um acompanhamento transversal e multiprofissional, trazem resultados.

Compõe ainda este volume, o texto “Qualidade de vida de jovens homossexuais e bissexuais residentes em uma capital do nordeste brasileiro”, com o objetivo de avaliar o índice de qualidade de vida de jovens homossexuais e bissexuais através da ferramenta WHOQOL-bref.

Utilizando-se de revisões bibliográficas, não sistemática e narrativa, respectivamente, os artigos “Abordagem de queixas sexuais em consulta de psiquiatria geral: a partir de uma revisão da literatura” e “Violência psicológica: dificuldade em romper o vínculo afetivo em uma relação conjugal violenta”, encontram nessa metodologia uma forma de perceber a inviabilidade de pessoas com transtornos mentais e de mulheres que sofrem violência psicológica em banco de dados e consequentemente em pesquisas.

Pensar em pessoas com transtornos mentais, fazendo uma discussão sobre as disfunções sexuais mais frequentes e sobre como essas queixas sexuais seguem sendo subinvestigadas na prática clínica da psiquiatria geral; e discutir as razões que levam as mulheres que se encontram em relacionamentos ofensivos a terem dificuldade de romper o vínculo afetivo, por se encontrarem num estado latente de violência psicológica, trazem em seu bojo algo que pensávamos ter superado. Isto sinaliza que a luta do movimento feminista pelo direito das mulheres à não violência e a luta dos movimentos sociais pelo direito à inclusão e acessibilidade, estão longe de serem silenciados.

A íntima relação da sexualidade humana com as práticas esportivas, por exemplo, aparece neste número através de um estudo comparativo da qualidade de vida sexual em paratletas e não paratletas com Lesão Medular (LM). Dentre os que responderam ao questionário da pesquisa, 92,3% declararam-se muito satisfeitos antes da LM. Depois da lesão, 43% dos não paratletas e 50% dos paratletas consideraram-se moderadamente satisfeitos. A prática esportiva apresenta-se como um recurso importante para melhorar disfunções sexuais, autoestima e autoaceitação, além de prevenir o desenvolvimento de limitações funcionais secundárias.

Na seção Resenha de Tese, “Um reboco é um reboco: maquiagem como performance de gênero”, revela um estudo etnográfico realizado de maneira multissituada, entre meios *on-line* e *off-line*, sobre consumidoras de maquiagem. Ao se engajarem neste tipo de consumo, essas mulheres realizam uma construção estética do rosto, como uma forma de performarem expressões múltiplas de gênero.

Na seção Resenha de Livro, a obra resenhada *Ética e Direitos Sexuais* discute temas como cidadania, inclusão, saúde sexual, autonomia, diversidade, dignidade, liberdade, humanização, direitos humanos, responsabilidade, direito democrático da sexualidade, evidenciando que os direitos sexuais – compostos por um conjunto de direitos relacionados à sexualidade – emanam dos direitos humanos e constituem, junto com eles, a melhor categoria atual para expressar a dignidade e a causa do ser humano.

Finalizando a edição da RBSH, a nossa entrevistada Dr^a Yeda Maria Aguiar Portela, psicóloga, sexóloga e policial civil, mostra que para transformar a vida de mulheres em situação de violência doméstica, não basta teorizar, é preciso agir. E assim nasce o Projeto intitulado *Sala de Acolhimento Psicológico para Mulheres em situação de Violência Doméstica*, pioneiro na Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro, através da escuta sensível e acolhimento às mulheres violentadas. Com certeza, posturas como essa da psicóloga, vislumbram diminuir as taxas que aparecem em dossiês e relatórios, mostrando por exemplo que a cada 100 mil mulheres em Araruama-RJ, 812 sofrem violência psicológica (MENDES et al., 2020).

A densidade e variedade temática dos textos refletem a atual amplitude de interesses e possibilidades de pesquisas na área da sexualidade, seja pelas contribuições teóricas ou contribuições metodológicas. Desta forma, a RBSH convida você leitor e leitora, a prestigiar os pesquisadores e as pesquisadoras desta edição, estimulando-os/as a encontrar respostas ou formular novas perguntas dando continuidade ao desenvolvimento científico e partilha de saberes.

Um abraço,

Maria José Souza Pinho

Dr^a em Educação/Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Secretaria da SBRASH- Gestão 2020/2022

Referências

AMARAL, R. K. S. et al. Percepção dos idosos sobre sexualidade na terceira idade. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO, 12., 2011, Montes Claros. *Anais* [...]. Montes Claros: Universidade Estadual de Montes Claros, 2011.

FAGUNDES, T. C. P. C. *Educação sexual: construindo uma nova realidade*. Salvador: [UFBA?], 1995.

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS; UNICEF. *Pobreza menstrual no Brasil: desigualdades e violações de direitos*. [S. l.]: Fundo de População das Nações Unidas: UNICEF, 2021. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/media/14456/file/dignidade-menstrual_relatorio-unicef-unfpa_maio2021.pdf

MENDES, A. P. et al. *Dossiê mulher*. 15. ed. Rio de Janeiro: Instituto de Segurança Pública, 2020.